

CORPO, IDENTIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA

Wesley Marques da Silva¹

Doutorando em Educação Física – Universidade de Brasília – UnB /Docente no curso de Educação Física - UEMG Ituiutaba e Rede Básica Estadual/MG - wesleymarques1985@bol.com.br

Vera Lúcia da Silva Farias²

Doutora em Ciência do Solo/ Graduação em Biologia e Pedagogia – Docente da Faculdade de Frutal _ FAF e Rede Básica Estadual/MG – verlucbio@ verlucbio@yahoo.com.br

Léia Aparecida Silva³

Geógrafa/Pós graduada em Docência no Ensino Superior - Docente na Rede Básica Estadual/MG – leiageo22@gmail.com

Resumo: Esta obra busca apresentar a importância e a inter-relação entre corpo, identidade e Educação Física na formação do indivíduo. Trata-se de uma revisão de literatura por meio de pesquisa bibliográfica, caracterizando este estudo como qualitativo. É uma contribuição para o campo da educação por tratar de um tema relevante a concepção corporal e suas nuances na contemporaneidade.

Palavras-chave: Corpo, Identidade, Educação Física, Cultura corporal.

1. Introdução

A percepção de corpo e identidade por meio de manifestações corporais na educação física contemporânea tem sido contemplada como um assunto caro, devido à diversidade de significados atribuídos ao corpo na sociedade atual. A atividade física esteve vinculada desde sua criação aos exercícios de sobrevivência e formação de corpos saudáveis e hábeis voltados a estereótipos, atualmente essa lógica tem sido debatida no intuito de uma educação física humanista, voltada ao entendimento do corpo por meio de experiências que proponham sentidos e significados, tornando o indivíduo capaz de pensar, refletir e agir contra coerções sociais, intervindo a partir de sua corporeidade.

Diante do contexto, o objetivo do artigo foi revisar a literatura e apresentar a importância e a inter-relação entre corpo, identidade e Educação Física na



formação do sujeito.

2. Desenvolvimento

O conhecimento corporal pode ser o princípio de entendimento de si mesmo, seja por sua subjetividade, afetividade, anatomia, cultura ou contexto social, o corpo é único, isento de dicotomias, e suas particularidades são expressas pela unidade na diversidade, pela descoberta de identidade própria e única, somos corpo nas relações íntimas, com os outros e com o mundo, por meio da forma de pensar e agir, numa relação dialética de símbolos e significações. Nóbrega (2010, p.66-67) cita que: “A compreensão de corpo não se reduz ao conhecimento anatômico, ao estado neural ou aos processos fisiológicos; abrange também o simbólico [...]. O corpo está para além da justaposição dos órgãos”.

Ao tratar sobre identidade corporal Louro (2000), ressalta que esta é uma atribuição cultural, representativa e interpretativa de cada “pedaço social”, sendo os traços e características, marcas definidoras ou irrelevantes no processo identitário. As marcas corporais são voláteis sendo resignificadas pelas características físicas ou culturalmente construídas. Ainda a autora cita que:

Os corpos se alteram devido à idade, à doença, às condições de vida; eles mudam pelas imposições sociais, pelas exigências da moda, pelas intervenções médicas, pelas transformações e possibilidades tecnológicas. Um investimento contínuo é realizado sobre eles: próteses, pinturas, aromas, adornos, roupas, tatuagens, implantes, cosméticos são agregados para se tomarem, também, códigos identitários (LOURO, 2000, p.62).

Identidade e diferença são, portanto, elementos indivisíveis e que produzem disputas, principalmente no concerne de padrões normativos no contexto da cultura. Segundo Geertz (2011, p. 9) “[...] a cultura é pública por que o significado o é”. Como cultura, o autor defende um olhar essencialmente semiótico, acreditando que “o ser humano é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, e a cultura sendo essas teias e sua análise, uma ciência interpretativa em busca do significado”.

Conhecer e vivenciar a significação da corporeidade exige a compreensão da relação entre o vivido e o indivíduo e suas possibilidades de manifestações



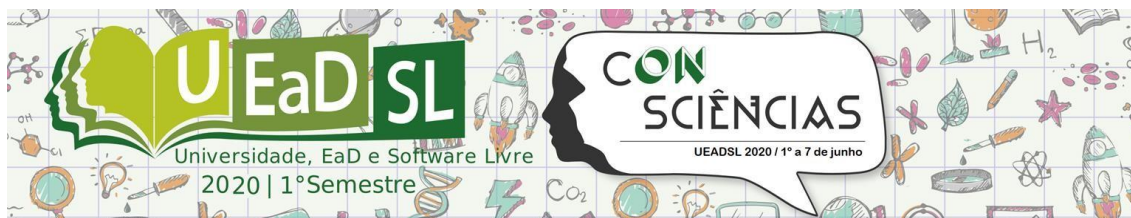
culturais, sociais, estéticas ou afetivas, perceber é mais importante que descrever, conceituar enalisar, e sua imagem corporal é constituída na transformação de informações em experiências.

Segundo Bondía (2002, p.21) a experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” diferente da informação cada vez mais presente na sociedade contemporânea, onde o importante seria o estar informado, opinar, resultante da falta de tempo, trabalho e a excitação por situações sem vestígios. O autor ressalta que para que exista experiência, o sujeito deve estar aberto à receptividade do acontecer, à possibilidade de que algo o toque, e sua maneira peculiar de “ex-por”, pois mesmo que duas pessoas enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência, pois essa é adquirida pelo que nos acontece e não pelo acontecido, assim deve ocorrer:

Um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDIA, 2002, p 24).

A educação para a corporeidade por meio das práticas corporais no campo específico da Educação Física, apontam para as conquistas do corpo, frente aos limites de subserviência e vitimização, vinculadas a elementos de formação de corpos guerreiros e atléticos, possuindo em suas entranhas as diferentes preocupações do homem historicamente situado, aliado a prática corporal.

O processo de automatização do corpo por meio dos movimentos tendo como objetivo a prática corporal de rendimento e do corpo utilitário, contradiz a compreensão da Educação Física como cultura corporal de significações e sentimentos, eis, portanto duas vias, lidar com o corpo como algo que se adentra ou despertar o corpo para as sensibilidades, simbologias e manifestações histórico-culturais. Segundo Medina (2014, p.152):



Não é fácil formar homens quando o sistema pede robôs. Não é fácil desenvolver atletas-cidadãos, críticos, conscientes, educados e criativos, quando o sistema pede apenas “máquinas” obedientes e automaticamente descartáveis, quando deixam de produzir o rendimento esperado.

A linguagem corporal não deve ser resumida ao objeto ou ao saber fazer, para não se limitar a campos específicos de formação humana, deve assumir seu papel de direito social constitucionalmente conquistado, concebido por políticas públicas a partir do princípio de gratuidade, como possibilidade para educação, saúde e lazer, possibilitando o desenvolvimento corporal, por meio de experiências o mais denso e significativo possíveis do corpo e por meio do corpo, segundo Moreira et al. (2006, p.142) a “dimensão de uma educação para a existência humana, via corporeidade, requer ver-se a si próprio para melhor ver fora de si [...]” complementamos seus dizeres salientando também que essa corporeidade se faz presente pela significação de alteridade, autoestima, ludicidade, sociabilidade e autonomia.

3. Conclusão

Nossas identidades sociais são formadas a partir da experiência vivenciada na cultura, e a história de um povo nos revela muito sobre as riquezas que encontramos em cada cultura espalhada por esse mundo, a utilização do corpo como ferramenta de manifestação e interação está inteiramente interligada a corporeidade do indivíduo e isso requer ver a si próprio para melhor ver fora de si.

Na contemporaneidade as necessidades e desejos elementares dos seres humanos são esmagados e pisoteados por interesses altamente voltados ao rendimento e ao consumo, esquece-se que a qualidade de vida deve ser voltada à saúde e a socialização, parâmetros essenciais na formação da identidade corporal e nas discussões de marcas corporais e códigos identitários presentes no dia a dia da Educação Física.

4. Referência Bibliográfica





BONDÍA, J.L. Notas sobre experiência e o saber da experiência. In: **Rev. Brasileira de Educação**, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

LOURO, G. L. Corpo, escola e identidade. **Educação e Realidade**, 2000. v.25 n.2.

MEDINA, J. P. S. Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo. **Educação Física e esporte: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 2014.

MOREIRA, W. W. et al. Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender a viver. In: __. (Org). **Século XXI: a era do corpo ativo**, Campinas: Papyrus, 2006. p. 137- 154.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.